



## **Ópera *Yara* de Josef Prantl (1895-1951) e Otto Adolfo Nohel (?-1932): contribuições para a história cultural de Joinville-SC na década de 1930**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA, ESTÉTICA MUSICAL E INTERFACES

*Cristiano Damaceno*  
UDESC - cristiano.udesc@gmail.com

*Marcos Holler*  
UDESC - mholler.udesc@gmail.com

**Resumo.** Neste texto são apresentados resultados parciais de um pesquisa em andamento na qual se busca contextualizar a presença da cultura alemã na música em Joinville em meados dos anos 1930, a partir da atuação do austríaco Josef “Pepi” Prantl (1895-1951) e baseando-se em conceitos de Rüsen, segundo o qual “[a] cultura histórica seria [...] essa esfera ou parte da percepção, da interpretação, da orientação e do estabelecimento de uma finalidade, que tomam o tempo como fator determinante da vida humana” (2016, p. 58). Centramo-nos aqui na ópera *Yara*, estreada em Joinville-SC em 1936, de autoria de Prantl e com libreto do alemão Otto Adolfo Nohel, ambos imigrantes residentes em Santa Catarina no início do século XX.

**Palavras-chave.** Josef “Pepi” Prantl. Otto Adolfo Nohel. História da música em Santa Catarina. Música na imigração alemã em Santa Catarina.

***Yara, Opera by Josef Prantl (1895-1951) and Otto Adolfo Nohel (? - 1932): Contributions to the Cultural History of Joinville-SC in the 1930s***

**Abstract.** This text presents partial results of an ongoing research that aims to contextualize the presence of German culture in music in Joinville in the mid-30s, based on the activities of the Austrian musician Josef “Pepi” Prantl (1895-1951) and on Rüsen's concepts, according to which “[a] historical culture would be [...] this sphere or part of the perception, interpretation, orientation and establishment of a purpose, which take time as a determining factor of human life” (2016, p. 58). We focus here on the opera *Yara*, premiered in Joinville-SC in 1936, written by Prantl and with libretto by the German Otto Adolfo Nohel, both immigrants residing in Santa Catarina at the beginning of the 20<sup>th</sup> century.

**Keywords.** Josef “Pepi” Prantl. Otto Adolfo Nohel. History of Music Santa Catarina. Music in the German Immigration in Santa Catarina.

### **1. Introdução**

Em 17 de janeiro de 1936, estreava no teatro Harmonia Lyra, na cidade de Joinville, ao norte do estado de Santa Catarina, a ópera *Yara*, de Josef Prantl (1895-1951), ou Pepi Prantl, como era conhecido o pianista e regente austríaco radicado em Joinville, e libreto de Otto Adolfo Nohel. A ópera se passa no Paraná e narra a história trágica de amor entre o imigrante alemão Rolf e a índia Yara e tem o libreto em alemão, logo antes da Campanha de

Nacionalização, que em 1937 proibiria os textos na língua. Após algumas récitas em Joinville, a ópera foi apresentada também em Curitiba em junho do mesmo ano, cidade onde Prantl também atuava como regente. Relatos em jornais nas duas cidades mostram a excelente recepção à ópera, mesmo com o texto em alemão. Com o retorno de Pepi Prantl à Europa em 1937, a ópera não teve mais récitas. Em 2002 a partitura integral foi localizada em um acervo da família do compositor e trazida de volta ao Brasil com a proposta de uma nova montagem, que até o momento não aconteceu.

Neste texto apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo levantar informações sobre o contexto cultural da imigração alemã em Joinville no início da década de 1930, antes da Campanha da Nacionalização, por meio da atuação de Josef “Pepi” Prantl, centrando-se em sua ópera *Yara*, partindo de um levantamento em jornais entre 1930 e 1939, sobretudo na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Esta pesquisa poderá ajudar na reconstrução da memória histórica da ópera *Yara* e a identificar sua contribuição efetiva para a música lírica em Santa Catarina.

A partir do conceito de memória histórica de Rüsen, segundo o qual “[a] rememoração histórica (ou memória histórica), portanto, deve ser entendida de maneira mais específica, como uma operação mental referente ao próprio sujeito que recorda, sob a forma de atualização ou representação do seu próprio passado” (RÜSEN, 2016, p. 59), pretende-se investigar questões sobre a preservação da cultura alemã e sua memória histórica em Joinville. Segundo Agualusa (2004 *apud* BAUER; NICOLAZZI, 2016, p. 809), “[o] passado é um rio adormecido / parece morto, mal respira / acorda-o e saltará num alarido”.

## **2. A imigração alemã, o idioma e a Campanha de Nacionalização em Joinville**

Os primeiros imigrantes alemães, segundo Santos (2013), chegaram à cidade de Joinville no final do século XIX, e o processo continuou durante o século XX, especialmente durante as duas guerras mundiais, com uma intensa atividade imigratória que, segundo Santos (2013, p. 20), “repercute até a contemporaneidade com as relações interétnicas consequentes das diversas imigrações, bem como da atividade migratória em torno do trabalho e da indústria”.

Uma característica marcante da imigração alemã é a preservação de suas práticas e costumes nas novas terras.<sup>1</sup> Segundo Voigt (2005 *apud* ROSSBACH, 2008, p. 59), “a identidade dos imigrantes não estava ligada a um sentimento de nacionalidade alemã, mas a uma identidade cultural ligada principalmente ao idioma”. Segundo a historiadora e antropóloga Giralda Seyferth,

[...] a “língua materna”, a “cultura de origem”, mesmo modificadas pelo contato, a nacionalidade concebida pelo direito de sangue, a filiação a instituições comunitárias e, em alguns casos, a “fé”, são símbolos de identificação manipulados para assinalar as diferenças entre imigrantes e seus descendentes e a população brasileira. (SEYFERTH, 1990 *apud* BRUHNS, 1997, p. 41).

A linguista Karen Pupp Spinassé também comenta a manutenção do idioma pelos imigrantes, sobretudo no início do processo de colonização:

A língua exerceu aí uma função muito importante: através dela, ou melhor, através da homogeneidade linguística dentro das comunidades, garantiu-se uma sobrevivência na fase inicial no país desconhecido, assim como o sucesso das colônias. Embora nesse momento ainda não se perceba um processo de integração ativa na sociedade brasileira, a língua local significava, entre eles, sem dúvida nenhuma, um fator de integração. (SPINASSÉ, 2008, p. 15).

Santos (2013) também destaca a preservação da língua alemã como fator de identidade cultural entre os descendentes alemães de Joinville, foco principal de seu trabalho. Até o final da década de 1930, segundo Santos (2013, p. 29), “[a] língua era o recurso cultural real que os imigrantes tinham em termos efetivos de cultura a que eles poderiam se apegar para conviver e partilhar uma identidade cultural”. Essa questão também é apontada por Coelho, segundo o qual, “[em] Joinville, o ‘idioma alemão’ foi predominante até o final da década de 30, tanto na zona rural como na urbana, sendo utilizado no ensino (tanto nas escolas públicas como nas particulares), no comércio, nas repartições públicas e, obviamente, no ambiente familiar” (COELHO *apud* SANTOS, 2013, p. 62).

Após 1937, as práticas alemãs deixaram de ser realizadas devido à Campanha de Nacionalização, que proibia qualquer manifestação de germanismo, incluindo o uso e o ensino da língua alemã. Segundo Santos (2013, p. 14, grifo do autor),

[n]esse período se intensificou a campanha de nacionalização do governo Getúlio Vargas, tendo havido várias formas de interação com implicações de mudanças, com a imposição do uso da língua portuguesa. Os descendentes de alemães que viveram nesse período experimentaram mais de perto as consequências que se seguiram até o período após guerra. Alguns eram crianças na época, mas outros, já adolescentes, se lembram de fatos que hoje se vinculam às suas memórias, os quais interferem nas reivindicações assim compreendidas pelos mesmos como de necessidade ou de preservação de valores culturais associados à *germanidade*.

Durante a Campanha de Nacionalização, o objetivo maior por parte do governo era preservar e defender a nacionalidade brasileira. Para atingir esse objetivo, o governo confrontou

os imigrantes, principalmente os alemães, que insistiam e defendiam a preservação de sua língua, costumes e nacionalidade alemã. Segundo Coelho,

[...] a campanha de nacionalização teve como objetivo a afirmação da nacionalidade brasileira – determinada pelo direito de solo. [...] Pretendia-se uma “assimilação compulsória” que suprimisse qualquer manifestação que expressasse ameaça à unidade nacional brasileira. A principal justificativa para sua efetivação em Santa Catarina era que esse estado apresentava várias áreas de influência germânica, portanto vulneráveis à penetração do nazismo. [...] Era natural que Joinville, colonizada por imigrantes alemães a partir de 1851, sofresse atenção especial por parte dos responsáveis pela Campanha de Nacionalização. Ao final da década de 30, predominava nesta cidade o idioma alemão, bem como valores e formas de organização social tradicionalmente germânicas. (COELHO *apud* SANTOS, 2013, p. 10).

### 3. O compositor e o libretista

Josef Prantl (Figura 1), conhecido como Pepi Prantl, nasceu em 1895 em Schwaz, na Áustria. Estudou música em Innsbruck (Áustria), em Praga com o compositor Alexander von Zemlinsky e em Neuchâtel (Suíça). Concluiu os estudos em Bochum (Alemanha) e foi diretor musical de teatros na Alemanha e na Suíça. Herkenhoff (1985, p. 172) aponta sua chegada em Joinville no final de outubro de 1929, cidade onde atuou como instrumentista, professor, compositor e regente, atividades que desempenhou também em Curitiba. Retornou à Europa em 1937 e trabalhou como oficial de escritório em Schwaz até conseguir um emprego na escola de música de Bludenz, na Áustria, onde foi professor e regente da orquestra e do coro. Faleceu na mesma cidade, em 1951 (GREINER).



**Figura 1:** Josef “Pepi” Prantl. Disponível em <https://www.ruetner-chor.at/vereinsinfo/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Sabe-se muito pouco sobre o libretista Otto Adolfo Nohel. A historiadora Elly Herkenhoff considera que Nohel deve ter migrado para o Brasil na década de 1920; segundo a autora, em um anúncio no *Kolonie Zeitung*, ele oferece seus serviços em Joinville como contabilista ou professor de ciências comerciais (HERKENHOFF, 1985, p. 174). Conforme o jornal *A Notícia*, de Joinville, Nohel faleceu em um acidente de carro em 6 de janeiro de 1932, quando viajava de Indaial a Joinville para assistir ao primeiro ensaio da ópera *Yara* (GRAVE..., 1932, p. 1). Presume-se que nesse momento ele já não residisse mais em Joinville; Herkenhoff aponta a possibilidade de ele ter se mudado para Corupá ou Jaraguá do Sul, porém o texto do jornal menciona que Nohel vinha de Indaial no momento do acidente e que o corpo retornou à cidade após o ocorrido. Não há referências a outras obras escritas por ele, porém chama a atenção o destaque dado pelo jornal ao acidente que provocou sua morte, cuja comunicação ocupa duas colunas na primeira página e é inclusive repetida integralmente n’*O Estado*, jornal de Florianópolis, quatro dias depois (Figuras 2 e 3). O artigo de Tibor Heller em *A Notícia* sobre a estreia de *Yara* em Joinville o descreve como “um grande poeta” (HELLER, 1936, p. 2).



**Figura 2:** Página inicial d’*A Notícia* (Joinville) de 7 de janeiro de 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843709&pesq=Nohel&pasta=ano%20193&pagfis=1406>. Acesso em: 20 jun. 2021.



**Figura 3:** Página inicial d’*O Estado* (Florianópolis) de 11 de janeiro de 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=884120&pesq=Nohel&pasta=ano%20193&pagfis=2624>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Segundo Llerena (2012), Otto era contador e professor de ciências comerciais que teria sido radicado no Brasil na década de 1920. Em um longo e descritivo artigo no *Kolonie Zeitung*, jornal escrito em alemão, o primeiro da história de Joinville e que circulou entre dezembro de 1862 e outubro de 1942, é descrito como um “pacato cidadão da civilização”.

#### 4. A ópera

A composição da ópera *Yara* teve início na década de 1930 na cidade de Joinville. O libreto de Nohel conta a história da menina de uma tribo indígena que se perde de sua família durante a invasão de sua aldeia por imigrantes europeus e é encontrada por uma família alemã de colonos que, cheia de piedade, a adota e a rebatiza com o nome de Yara. Os anos se passam e a menina torna-se uma bela mulher. Na adolescência, ela e seu irmão de criação se apaixonam, e, por não poderem viver esse amor impossível, seu irmão comete suicídio. Sentindo-se culpada pelo ocorrido, Yara foge para o estado do Paraná e, perto das margens do rio Tibagi, encontra uma nova paixão, o garimpeiro alemão Rolf, que corresponde seu amor à primeira vista. Rolf havia fugido para o Brasil por ter assassinado na Alemanha o homem que seduzira sua noiva Maia, que, por sua vez, se suicidara ao saber do ocorrido. Em busca de vingança, o pai de Maia encontra Rolf no Brasil e dispara contra ele, porém Yara joga-se à frente e recebe o tiro fatal.

A primeira montagem da ópera foi feita em Joinville e teve duas récitas, em 17 e 18 de janeiro de 1936, sob a batuta de Prantl. O elenco era formado por intérpretes, cantores e bailarinos da cidade e foi reforçado pelas sociedades de canto de Concórdia e Helvetia. A orquestra foi da própria Harmonia Lyra (teatro no centro de Joinville) e formada também por membros da Orquestra Filarmônica de Curitiba e da banda do então 13º Batalhão de Caçadores. Na noite da estreia da ópera, dedicou-se um minuto de silêncio ao libretista Otto Adolfo Nohel (LLERENA, 2012). Apesar das referências da época ao patrocínio do Rotary Club para a estreia em 1936, isso não deve ter ocorrido sem dificuldades, visto que os ensaios haviam se iniciado pelo menos há quatro anos, em 1932, pela data do acidente de Nohel.

Nos dias 18 e 19 de abril do mesmo ano, *Yara* foi apresentada no Teatro Avenida de Curitiba, cidade onde Prantl também atuava como regente, com a participação de músicos e cantores curitibanos. Segundo a biografia do compositor na crônica da Escola Municipal de Bludenz (GREINER), assim que Prantl voltou à Europa, em 1937, tentou apresentar a ópera *Yara* em Berlim, mas não conseguiu, devido ao tema indígena. Não encontramos referências a outras récitas de *Yara* ou de tentativas de apresentações na época. Um artigo no jornal *A Notícia* menciona o interesse do Rotary Club de Joinville, patrocinador da estreia da ópera na cidade,

em providenciar uma tradução para que ela pudesse ser levada ao Rio de Janeiro ou São Paulo (HELLER, 1936), mas não há nenhuma evidência de que isso tenha ocorrido. Uma crônica da orquestra da cidade de Bludenz, ligada à escola de música, relata a apresentação de alguns trechos da ópera durante a permanência de Prantl na escola e mesmo após seu falecimento (ORCHESTER-CHRONIK).

Segundo Llerena (2012), não foi encontrada nenhuma cópia da partitura na cidade de Joinville ou em outros arquivos musicais do país, nem mesmo nos locais onde a ópera foi apresentada, porém em 2002 teria sido transcrita pelo maestro alemão Thomas Hennig:

Em abril de 2002, o maestro alemão Thomas Hennig sinalizou que havia encontrado os originais num arquivo na Áustria. Com autorização do único filho de Pepi, Wolfram Prantl, microfilmou as partituras manuscritas e em Berlim as reescreveu. Na opinião de alguns maestros europeus, Yara traduz-se numa boa expressão do fim do Romantismo. De volta a Joinville com a partitura de *Yara*, criou-se uma comissão para reencenar a peça, o que não aconteceu até o presente momento. (LLERENA, 2012, p. 90).

Uma cópia da transcrição de Hennig foi encontrada no acervo da Camerata Florianópolis (Figura 4). A partitura possibilita uma análise dos aspectos musicais da obra, o que, porém, não será abordado aqui.



**Figura 4:** Frontispício da transcrição de Thomas Hennig da partitura da ópera *Yara*

## 5. A recepção

A estreia da ópera *Yara* foi um momento de grande destaque na história da música joinvilense; segundo Elly Herkenhoff (1987 *apud* MENEZES, 2018, p. 32), a ópera “atraiu a atenção dos meios culturais do Estado e até do País sobre a pequena cidade”. Apesar de somente duas récitas na cidade, chama a atenção a quantidade de referências e seu destaque nos jornais, não somente de Joinville. Os artigos são sempre elogiosos, como o de Tibor Heller, em *A Notícia* de 16 de janeiro de 1936, após assistir a um ensaio:

A ópera que musicou e cujo texto foi escripto pelo saudoso poeta Otto Adolpho Nohl, é de valor inegável. A música é de tal especie que dá prazer ao ouvinte, que se embebeda nas diversas passagens da ópera, e o texto é realmente obra de um grande poeta. Penso que o enredo não podia ser melhor. Tanto a música como os letreiros combinam admiravelmente. Não há, no transcorrer de todos os atos um único deslize. *Yara* é uma ópera completa. (HELLER, 1936, p. 2).

Os elogios continuam nos jornais pelos dias seguintes. Um outro artigo também em *A Notícia* de 21 de janeiro com o título *Uma vitória da arte* menciona a ópera como a consagração do maestro Pepi Prantl e destaca a participação de sua esposa, Lotte Prantl, no papel de *Yara* (UMA VICTORIA..., 1936). O mesmo se observa em outras cidades. Em um longo texto de cinco colunas no jornal *O Dia*, de Curitiba, o autor, que se identifica somente como “Luty”, refere-se às récitas como “verdadeiros triunfos para o compositor e para os que contribuíram para sua realização” (LUTY, 1936, p. 3). O jornal alemão *Der Kompass*, também de Curitiba, dedica um extenso trecho para elogiar a obra, que foi um “triunfo inesperado para o compositor e despertou junto ao público ovações espontâneas de entusiasmo, como Joinville nunca havia vivenciado”<sup>2</sup> (STAAT SANTA CATHARINA, 1936, p. 3, tradução nossa). As récitas em Curitiba também levaram a textos elogiosos, porém em menor número e destaque; um texto no *Diário da Tarde* de 24 de junho relata que “[t]odos os artistas deram cabal desempenho aos respectivos papéis, notadamente a Sra. Lotte Prantl, possuidora de uma bella voz de soprano lírica, que encarnou com propriedade e talento a personagem de *Yara*” (YARA, 1936).

## 6. Considerações finais

A ópera *Yara* do austríaco Pepi Prantl mostra a curiosa tentativa de mistura de elementos alemães e brasileiros (ou indígenas), embora estes últimos sejam idealizados para o público de uma Joinville que, apesar da colonização alemã, em meados dos anos 1930 já apontava para uma maior mescla de nacionalidades. Nas notícias encontradas em jornais da

época, é evidente a recepção positiva como uma “ópera joinvilense”, não somente nessa cidade, mas também em Curitiba, onde a imigração alemã não foi tão marcante.

A associação de *Yara* com *Il Guarany* de Carlos Gomes, estreada em Milão em 1870, é inevitável. Cabe ressaltar que, no final do século XIX e início do século XX, o compositor era bastante conhecido e executado nas cidades do sul do Brasil, e trechos de sua ópera mais famosa eram muito presentes nos programas de concerto, o que se acentuou após a Campanha de Nacionalização. Um exemplo é a mudança do nome do Teatro Frohsinn, em Blumenau, para Teatro Carlos Gomes, em 1939 (ROSSBACH, 2018). É, porém, curioso observar a inversão dos papéis nas duas óperas: em *Il Guarany*, obra de um compositor brasileiro que se apresenta na Europa, a personagem masculina e ativa é o indígena (Peri), e a personagem feminina e passiva, fragilizada (Ceci), é uma mulher europeia; em *Yara*, um autor europeu se apresenta no Brasil, e a personagem masculina é um europeu (o alemão Rolf), enquanto a personagem feminina é uma indígena (a Yara do título). Seria o reflexo de uma visão colonialista, o triunfo do colonizador europeu, que é um garimpeiro, ou seja, um explorador, sobre a frágil “terra brasil”, muito embora esta salve sua vida? Também chama a atenção que, embora o estilo musical seja essencialmente europeu nas duas óperas, ambos os títulos são em idiomas indígenas, evidentemente buscando ressaltar o aspecto “exótico”, embora esse fato tenha impedido a apresentação da ópera em Berlim, segundo a biografia do compositor na crônica da Escola de Música Municipal de Bludenz (GREINER).

Apresentamos aqui os resultados iniciais de uma pesquisa, ainda em andamento, por meio da qual se busca levantar informações sobre a presença da cultura alemã em Joinville em meados dos anos 1930 baseando-se nos conceitos apresentados anteriormente sobre cultura histórica. Consideramos que ulteriores desenvolvimentos levarão a discussões que poderão contribuir para a historiografia da música em Santa Catarina.

## Referências

- BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 807-835, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/kscZqWVSjDPGVLC7zh8WTfR/?lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2021.
- BRUHNS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma: a Campanha de Nacionalização em Joinville*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77197>. Acesso em: 14 jun. 2021.



GRAVE acidente de auto na estrada de Blumenau. *A Notícia*, Curitiba, ano 10, n. 1024, p. 1, 7 jan. 1932. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843709&pasta=ano%20193&pesq=Nohel&pagfis=1406>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GREINER, Thomas. Chronik der Städtischen Musikschule Bludenz. Disponível em:  
[https://www.bludenz.at/musikschule/images/pdf/Chronik\\_der\\_Staedtischen\\_Musikschule\\_Bludenz\\_21-12-15\\_tg.pdf](https://www.bludenz.at/musikschule/images/pdf/Chronik_der_Staedtischen_Musikschule_Bludenz_21-12-15_tg.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

HELLER, Tibor. Pepi Prantl e sua ópera. *A Notícia*, Joinville, p. 2, 16 jan. 1936. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843709&pasta=ano%20193&pesq=Prantl&pagfis=9874>. Acesso em: 20 jun. 2021.

HERKENHOFF, Elly. “Yara”, uma ópera joinvillense. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, v. 26, n. 6, p. 172-177, jun. 1985.

LLERENA, Rosenete Marlene Eberhardt. *A memória do patrimônio musical de Joinville: uma abordagem sócio-histórica e cultural das composições de 1900 a 1950*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2012. Disponível em:  
<http://univille.edu.br/community/mestradopcs/VirtualDisk.html?action=downloadFile&file=Rosenete.PDF&current=%2FDissertacoes>. Acesso em: 19 jun. 2021.

LUTY. A nova opera “Yara”, sua musica e sua primeira realização em Joinville. *O Dia*, Curitiba, ano 13, n. 3.496, p. 3, 31 jan. 1936. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=092932&pasta=ano%20193&pesq=Prantl&pagfis=30821>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MENEZES, Karina Santos de. *Percepções sobre o patrimônio musical nos currículos da Escola de Música Villa-Lobos: avanços e resistências*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2018. Disponível em:  
[https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1291325/Karina\\_Santos\\_de\\_Menezes.pdf](https://www.univille.edu.br/account/mpcs/VirtualDisk.html/downloadDirect/1291325/Karina_Santos_de_Menezes.pdf). Acesso em: 23 jun. 2021.

ORCHESTER-CHRONIK. Crônica da Orquestra Municipal de Bludenz. Disponível em:  
<https://www.bludenz.at/musikschule/index.php/orchester-chronik>. Acesso em: 19 jun. 2021.

PEREIRA, Tiago. *Pela escuta de Heiz Geyer na “cidade ressoante”*: música e campanha de nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945). Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:  
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a54.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:  
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006af7.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

RÜSEN, Jörn. O que é a Cultura Histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão de Resende (org.). *Jorn Rüsen: contribuições para uma teoria da didática da história*. Curitiba: W. A., 2016. p. 54-81.

SANTOS, Jailson Estevão dos. *Transformações e deslocamentos identitários entre descendentes de alemães em Joinville/SC a partir do referencial linguístico*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2013. Disponível em: <http://univille.edu.br/community/mestradopcs/VirtualDisk.html?action=downloadFile&file=Jailson.PDF&current=%2FDissertacoes>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário inclusivo. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 125-140, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55637/33813>. Acesso em: 19 jun. 2021.

STAAT SANTA CATHARINA. *Der Kompass*, Curitiba, p. 3, ano 35, n. 9, 25 jan. 1936. Disponível em: <https://www.amigbrasil.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Der-Kompass-1936-edicao-9-4-paginas.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

STORCH, Christian; HOLLER, Marcos (org.). *Zwischen Identitätsbewahrung und Akkulturation: Deutsche Musikgeschichte in Übersee*. Würzburg: Königshausen & Neumann GmbH, 2020.

UMA VICTORIA da arte. *A Notícia*, Joinville, p. 1, 21 jan. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=843709&pasta=ano%20193&pesq=Prantl&pagfis=9910>. Acesso em: 20 jun. 2021.

YARA. *Diário da Tarde*, Curitiba, ano 33, n. 12.415, p. 5, 24 jun. 1936. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&pesq=Prantl&pasta=ano%20193&pagfis=47509>. Acesso em: 20 jun. 2021.

## Notas

---

<sup>1</sup> Sobre o papel da música nas atividades dos imigrantes alemães, cf. as dissertações de Roberto Fabiano Roszbach (2008), *As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã (1863-1937)*, e de Tiago Pereira (2014), *Pela escuta de Heinz Geyer na “cidade ressoante”: música e Campanha de Nacionalização no cotidiano urbano de Blumenau – SC (1921-1945)*. Um cenário mais abrangente é apresentado no livro *Zwischen Identitätsbewahrung und Akkulturation: Deutsche Musikgeschichte in Übersee [Entre preservação da identidade e aculturação: história da música alemã no além-mar]* (STORCH; HOLLER, 2020).

<sup>2</sup> Original: “Die Uraufführung der Oper ‘Yara’ gestaltete sich zu einem ungeahnten Triumph für den Komponisten und erweckte beim Publikum spontane Begeisterungsovationen, wie je Joinville nie zuvor erlebt hatte” (STAAT SANTA CATHARINA, 1936, p. 3).